

A LEITURA DE UM MUNDO SURDO: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO SOCIAL DO SURDO.

Sandra Alves da Silva Santiago¹ e Ana Lúcia de Sousa².

Resumo

Este artigo é resultante do Projeto de Extensão “A Leitura de um Mundo Surdo” e teve como objetivo oferecer aos alunos do curso de Pedagogia da UFPB (que exercem atividade docente em escolas públicas), bem como a funcionários do Centro de Educação da UFPB, um curso básico de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Com o referido curso pode-se proporcionar um conhecimento introdutório de LIBRAS aos participantes, além de reflexões sobre os saberes teórico – metodológicos necessários ao desenvolvimento da prática docente com alunos surdos incluídos em classes comuns. O papel da língua na constituição do sujeito e da Libras, enquanto língua natural do surdo, é entendida no projeto como o principal instrumento de acesso de um indivíduo aos bens sociais e culturais, nesse sentido, cabe aos educadores adquirir o conhecimento de Libras a fim de garantir o processo de inclusão do surdo na sociedade.

Palavras – chave: surdez, LIBRAS, inclusão.

Introdução

Considerando a inclusão como uma estratégia educacional que exige formas de ação muito sérias, e tomando por base a premissa de que, para que ocorra a inclusão da pessoa surda, torna-se necessário o desenvolvimento de mecanismos específicos de comunicação entre o professor e o aluno, o Projeto de Extensão “A Leitura de um Mundo Surdo” oferece um curso de Língua Brasileira de Sinais aos pedagogos em formação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, então professores da rede pública de ensino. Cabe ressaltar, no entanto, que o referido projeto foi desenvolvido em 2005 com o intuito de favorecer o processo inclusivo desses alunos na rede regular de ensino, conforme política educacional adotada nos documentos oficiais brasileiros. Para este fim, desenvolveu-se naquele ano, junto a professores da rede municipal de ensino de João Pessoa (que tinham alunos surdos em suas salas de aula e não possuíam formação/informação necessária para atuar junto a eles) uma capacitação sob a forma de oficinas temáticas a fim de subsidiá-los com assuntos concernentes à: cidadania e surdez, linguagem e surdez, avaliação do surdo e o papel da língua de sinais. Nesta versão, o projeto atendeu a 30 professores e 10 intérpretes que atuavam junto às escolas municipais. Os resultados do projeto, nesta etapa, indicaram a necessidade de continuar subsidiando outros professores, que mais tarde viriam a receber os mesmos alunos durante o processo de escolarização nas séries subsequentes. Em 2006, de posse dessas informações, e de outras que apontaram para a grande incidência de alunos de pedagogia atuando como docentes nas escolas públicas da Paraíba, sem formação específica sobre a matéria, optou-se por dar continuidade ao projeto oferecendo um curso básico de Libras.

Nesse sentido, na atual versão, pretendeu-se incitar os professores – pedagogos em formação – a uma reflexão no que tange a sua *práxis*, propiciando-lhes uma visão real das possibilidades de

planejamento de atividades pedagógicas que possam favorecer ao aluno surdo a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de seu potencial criativo. Desta forma, o Curso Básico de Libras é a forma que o projeto “A leitura de um mundo surdo” encontra de oferecer uma relevante contribuição acadêmico-social aos alunos de pedagogia, na medida em que sugere um suporte técnico e científico que lhes habilita a entender o universo lingüístico, social e cultural do surdo.

A comunicação entre professor e aluno surdo, bem como o desenvolvimento do processo de aprendizagem tornam-se viáveis quando se respeita a especificidade do aluno e quando suas necessidades reais são compreendidas. Para que uma pessoa ouvinte possa comunicar-se com uma pessoa surda, alguns elementos são fundamentais. Entre eles destacamos a língua de sinais. A partir da informação de que os surdos não são iguais e que possuem características bem distintas, é importante conhecer o surdo com o qual se trabalha para poder escolher uma postura profissional e pessoal adequada e inclusiva.

Neste contexto, o Curso Básico de Libras foi planejado de forma a apresentar um conhecimento inicial da Língua Brasileira de Sinais, associado às outras informações referentes à Surdez e à Pessoa surda, construindo, assim, um embasamento capaz de subsidiar a *práxis* desses profissionais no cotidiano educacional. Dessa forma, pretende-se estimular nos sujeitos ouvintes, uma compreensão sobre o diferencial da surdez, fazendo-os repensar suas ações frente ao processo de ensino e aprendizagem, de forma que sua postura traduza um processo marcadamente inclusivo, capaz de oportunizar situações de aceitação da pessoa surda e do desenvolvimento de metodologias notadamente visuais, diversificadas, dinâmicas e prazerosas, que atendam às necessidades sensoriais dos surdos, e cujo resultado seja a construção de saberes necessários ao exercício da cidadania.

O Curso Básico de Libras

O curso básico de Libras foi organizado em 42 horas/aula para uma turma composta de 26 participantes, sendo 24 alunos de Pedagogia e 02 funcionários desta universidade, previamente inscritos e selecionados a partir de alguns critérios, como: a) ser professor; b) atuar diretamente com surdos em classes regulares de ensino; c) atuar na rede pública; d) não ter conhecimento anterior em Libras; e) ser aluno dos últimos períodos do curso de Pedagogia ou funcionário da UFPB. As aulas foram ministradas sempre às terças e quintas-feiras, no horário das 17h às 19h no Centro de Educação da UFPB. Ao final do curso, todos os participantes receberam apostila contendo as temáticas trabalhadas, e CD-R, contendo as imagens apresentadas durante o curso. Os encontros foram tematizados a partir de pontos básicos que podem ser assim colocados:

1. A importância da Comunicação para o ser humano;

Alguns teóricos que discutem a questão da linguagem auxiliam na compreensão dessa relação para a pessoa surda. Destacam-se aqui, especialmente, as contribuições de Saussure, Vygotsky e Bakhtin. Saussure diz que a linguagem é formada pela língua e pela fala, servindo basicamente ao processo de comunicação. A língua, para ele, é o aspecto social da linguagem, já que é algo compartilhado por todos de uma determinada comunidade, enquanto a fala é o aspecto individual da linguagem, portanto com características pessoais. Para Vygotsky, ao contrário, a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, mas é através dela que se constitui o

pensamento, logo, o indivíduo. A linguagem, para o autor, é tudo que envolve significação e está presente no sujeito mesmo quando ele não se comunica (In: GOLDFELD, 2002).

Como Vygotsky, o sóciolinguísta Bakhtin, também identifica o papel da linguagem nos processos mentais e salienta o seu aspecto contextual e social. Para este último, a língua e a fala não podem ser pensadas separadamente como pensava Saussure, pois estão indissolivelmente ligadas.

Baseado nisto, quando se considera que o atraso da linguagem que o surdo experimenta causa danos sociais, emocionais e cognitivos acredita-se que a linguagem não possui apenas a função comunicativa como diz Saussure, mas também a função de organização do pensamento, assumindo um papel essencial no desenvolvimento cognitivo dos surdos, conforme Vygotsky e Bakhtin. Com isso, é possível entender que não é apenas a fala o único meio que o surdo possui para criar significado, mas toda e qualquer forma que envolve significação. Portanto, é dessa possibilidade de dar significação ao mundo que o rodeia que o surdo precisa, e isso não está condicionado ao desenvolvimento da linguagem oral, mas a qualquer meio, seja visual, auditivo ou outro.

É preciso, portanto, considerar tais questões para que se possa desenvolver uma metodologia de trabalho adequada às necessidades dos surdos. O surdo não é responsável por todas as dificuldades que geralmente apresenta, pois *“possui as capacidades orgânicas necessárias para constituir-se enquanto um indivíduo no sentido social dessa palavra”*, no entanto, a sociedade não tem possibilitado ao surdo a utilização da sua forma mais peculiar de significar o mundo; não estimula e não entende a língua de sinais e sua importância para a comunidade surda (GOLDFELD, 2002, p. 53).

Vygotsky ressalta que: *“tudo depende de que exigências fazemos da educação da criança surda e quais objetivos que esta educação persegue”*. Se, tem bastado ver o surdo freqüentar os bancos escolares, sem participar das atividades desenvolvidas em sala; olhar a boca do professor sem entender o que ele diz, esperando os movimentos dos colegas para descobrir o que deverá ser feito; reproduzir o que vai ao quadro, sem compreender-lhe o significado, então, qualquer prática será suficiente (VYGOTSKY, 1988, p.191).

Hoje, a língua de sinais é reconhecidamente uma língua de modalidade viso – espacial, com todas as condições e características próprias. Como tal é transparente e icônica - o que significa que mesmo os que não a dominam são capazes de compreendê-la, ainda que superficialmente. Portanto, é preciso que os profissionais, de um modo geral, compreendam essas questões e transformem suas concepções a respeito da pessoa surda.

2. A Surdez: conceitos, tipos, graus, identidades e causas;

De início é preciso destacar que os surdos são diferentes dos ouvintes e também diferentes entre si. Portanto, é preciso abolir a idéia de que as crianças surdas constituem um grupo homogêneo, pois não é bem assim. Existem muitos subgrupos dentro do grupo de crianças surdas e as diferenças entre eles são, na maioria das vezes, maiores que as diferenças encontradas entre surdos e ouvintes. Essa é uma idéia básica para compreendermos bem o surdo e suas peculiaridades.

É comum fixarmos o nosso olhar sobre o que falta ao surdo quando comparado ao ouvinte. Sob esse ponto de vista, a surdez é considerada como *“uma deficiência não visível fisicamente e (que) se limita a atingir uma pequena parte da anatomia do indivíduo”*, ou, ainda, como a ausência, dificuldade ou inabilidade para ouvir, sons específicos, ambientais e os sons da fala humana (FERNANDES, 1989, p. 38).

Nessa direção, os estudos sobre a pessoa surda se voltam basicamente para compreender as perdas auditivas como características do surdo. Para esta corrente, os aspectos fisiológicos da surdez são de grande importância no processo educacional e social do surdo. Dependendo do tipo de problema se define o tipo de surdez. Os tipos de surdez são, pois, um elemento bastante valorizado nos estudos sobre surdos. Os tipos de perda auditiva são os seguintes:

- Perda condutiva: determinada por patologias localizadas no ouvido externo e médio, tendo como principais exemplos disso a introdução de corpos estranhos no ouvido, a má formação da orelha ou perfurações da membrana que envolve o tímpano.
- Perda neurossensorial: é determinada no nervo coclear. Em geral, esse tipo de perda tem causas pré – natais ou infecções.
- Perda mista: é aquela que afeta ao mesmo tempo o ouvido médio e o ouvido interno. (STROBEL & DIAS, 1995, p. 7-8).

Uma pessoa que ouve normalmente consegue captar as vibrações do som em até aproximadamente 25 dB. A pessoa que ouve cima de 26 dB é considerada com perda auditiva. No entanto, esse grau varia bastante. Quanto mais forte a intensidade exigida para ouvir, mais forte a perda auditiva. De acordo com o grau de perda auditiva, a surdez pode ser classificada em:

- Leve: de 26 a 40 dB. Caracteriza-se pelo fato do indivíduo não perceber os fonemas da mesma forma, alterando assim, a compreensão das palavras. A voz também é modificada, a aquisição da linguagem fica mais lenta e as dificuldades da leitura e escrita se fazem presentes.
- Moderada: de 41 a 70 dB. Neste caso, há uma percepção de sons altos, mas o desenvolvimento é marcado pelo atraso da linguagem e alterações articulatórias.
- Severa: 71 a 90 dB. Identifica ruídos familiares, mas com predominância de sons graves. Seu desenvolvimento é bastante comprometido e sua aptidão visual em detrimento da auditiva é evidente.
- Profunda: acima de 90 dB. Não há percepção da voz humana. Necessita de estímulos adequados às suas necessidades que são visuais e não auditivos (ibidem).

As causas da surdez também são alvos de preocupações. Quanto a isto é importante destacar que ela pode ser classificada em: causas pré- natais, perinatais e pós – natais. Entre as causas pré – natais têm-se: a rubéola intra – uterina, a toxoplasmose, o citomegalovírus, a diabetes, a sífilis, a irradiação, a hipóxia, o uso de drogas ototóxicas e o alcoolismo materno. As causas perinatais mais comuns são: anóxia – hipóxia, parto traumático, parto prematuro, herpes materna. Já em relação às causas pós – natais, as principais são: hipóxia, anóxia, infecção, eritroblastose fetal e sarampo, caxumba, meningite, encefalite, além de exposição a ruídos ou pressões intensas e acidentes. É possível acrescentar, ainda, a idade avançada como uma outra causa de surdez.

O período em que ocorreu a surdez é um aspecto que também precisa ser compreendido como igualmente ilustrativo da surdez e da pessoa surda. De acordo com o momento podemos entender a surdez como: pré – lingüística ou pós – lingüística. A surdez pré – lingüística caracteriza-se pela ocorrência da perda auditiva antes que a criança tenha desenvolvido a linguagem oral. A surdez pós – lingüística, caracteriza-se pela presença de desenvolvimento lingüístico antes da perda auditiva. Quanto mais tarde ocorre a perda auditiva maior o desenvolvimento da linguagem oral. Nestes casos, a fala já construída fica consolidada (GOLDFELD, 2002).

Além desses aspectos de cunho fisiológico, há outro aspecto que merece consideração e que nos últimos anos vem assumindo lugar de destaque nos estudos sobre a surdez. Trata-se das

Identidades Surdas. É esse elemento que vem somar-se aos demais dando mais possibilidades de compreensão da pessoa surda, sobretudo pela sua natureza sócioantropológica.

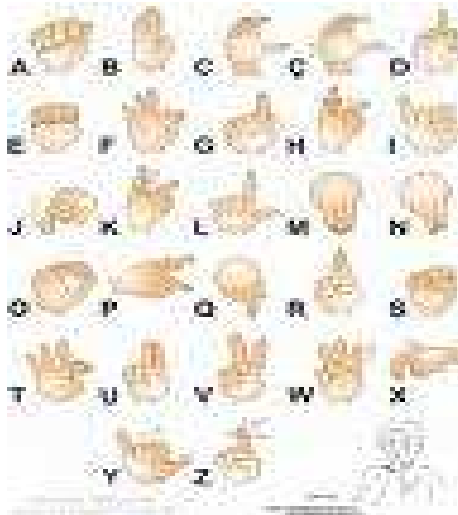
Estudiosos da área da surdez concordam que os surdos enfrentam diversas dificuldades ao longo de sua trajetória educacional, sendo a principal delas originária de sua limitação auditiva e, conseqüentemente, oral. Mas, isso não pode ser analisado sem considerar os significados sociais que provoca. Autores como Brito (1995), Skliar (1998) e Fernandes (1989) acreditam que ao sofrer atraso de linguagem, ocasionado pela perda auditiva, o surdo terá como conseqüência problemas emocionais, sociais e cognitivos e, estes problemas influenciarão diretamente todo o processo de aprendizagem e sua identidade.

No caso da pessoa surda, os estudos feitos por Perlin (1989) identificaram a existência de, pelo menos, cinco categorias diferentes de identidades surdas, comprovando a presença da heterogeneidade na construção dos grupos. A autora classificou as identidades surdas da seguinte forma: a) identidade surda política - há o predomínio da experiência visual em detrimento da auditiva; b) identidade surda híbrida - são surdos que usam identidades diferentes em momentos diferentes; c) identidade surda de transição - é caracterizada por um momento específico da vida do surdo. É exatamente aquele onde o surdo passa de um mundo ouvinte, onde sempre foi obrigado a conviver, para uma nova experiência: com o mundo surdo; d) identidade surda incompleta é aquela onde a pessoa surda sofre pressões de toda a espécie para não se identificar com outros surdos; e) identidade surda flutuante - surdos que não aceitam a própria surdez e faz de tudo para se enquadrar no mundo ouvinte.

De acordo com as idéias apresentadas até o momento é possível compreender que os surdos não compõem um conjunto homogêneo com características comuns. Pelo contrário, possuem tantas diferenças entre si quanto as existentes entre todos os grupos humanos. Portanto, não é correto pensar numa metodologia de atendimentos aos surdos que responda a todas as necessidades que os mesmos apresentam.

3. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

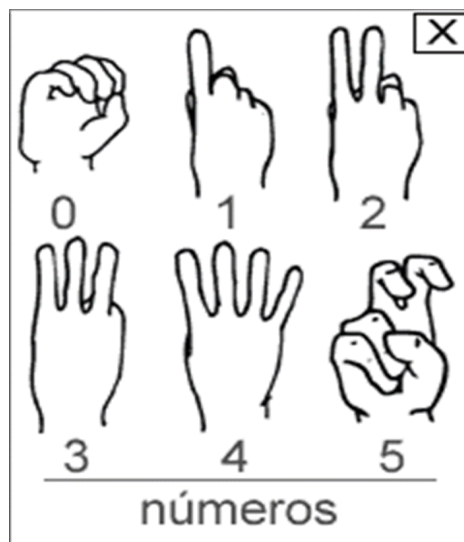
A língua de sinais brasileira vem sendo difundida desde 1857 e tem sua origem na língua de sinais francesa. Pesquisas recentes revelam que a língua de sinais é comparável em complexidade e expressividade a qualquer língua oral. É estruturada a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, possuem os níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Como toda e qualquer língua, aumenta seu vocabulário com novos sinais em resposta às mudanças sociais, culturais e tecnológicas. E ainda, como as outras línguas variam de país para país, e sofrem também variações regionais dentro do mesmo território. É composta de um alfabeto manual e de expressões faciais e corporais que se combinam formando algo semelhante aos fonemas e morfemas da língua portuguesa.



Elementos constituintes de um sinal

Os elementos que constituem um sinal são chamados parâmetros. Os parâmetros em libras são: a) configuração das mãos – são formas feitas nas mãos que podem utilizar o alfabeto manual ou não; b) ponto de articulação – é o lugar onde incide a mão; c) movimento - que podem ter ou não; d) orientação/direcionalidade – é a direção que o movimento assume; e) expressão facial e corporal – são utilizados para alguns sinais (BRASIL, 1997).

Numerais



Além desses conteúdos, ao longo das oficinas, apresentaram-se os sinais relativos aos seguintes assuntos:

- Saudações
- Dias da semana
- Advérbios
- Noções de tempo
- Interrogações/Diálogos do cotidiano escolar
- Adjetivos
- Cores

- Material escolar
 - Animais
 - Substantivos concretos e abstratos
- Verbos.
4. Oficinas Comunicativas entre surdos e ouvintes. Foram desenvolvidas aproveitando os conhecimentos adquiridos pelos participantes e versaram sobre temas livres.



FOTO I – Dinâmica de aquecimento das mãos para aprendizagem de sinais.



FOTO II – Diálogo entre surdo e ouvinte.

Para a realização das aulas utilizou-se uma metodologia de natureza essencialmente visual e todo material foi especialmente confeccionado para o curso. Como recursos utilizaram-se: data - show, slides, transparências, cartazes, imagens, vídeos, etc. além de oficinas, dinâmicas, atividades em grupo, exercícios corporais, priorizando a expressão facial e corporal e a aprendizagem de sinais padrões em libras. Todo o processo foi elaborado e realizado pela coordenação do projeto, contando com a participação de um instrutor surdo, uma bolsista, uma extensionista voluntária, e dois apoios na confecção do material e registro fotográfico, além da colaboração de cinco (05) surdos voluntários para as oficinas comunicativas.



FOTO III – Atividade em grupo.



FOTO IV – Aplausos em Libras



FOTO V – Aprendendo o alfabeto em Libras.



FOTO VI – Aprendendo os substantivos.

Considerações Finais

O curso básico de Libras oferecido pelo projeto “A leitura de um mundo surdo” propiciou conhecimentos sobre a Surdez e, conseqüentemente, sobre a LIBRAS aos estudantes de pedagogia em exercício como professores em escolas públicas da Paraíba, bem como aos alunos extensionistas envolvidos. Durante o curso ficou evidente que os mesmos não apresentavam formação específica na área da surdez e não conheciam a língua própria dos surdos – a Língua de Sinais – o que, segundo eles próprios, inviabilizava o processo de comunicação e interação entre professor e aluno, surdo e ouvinte. Nesse contexto, o Curso obedeceu diretamente às necessidades e expectativas apontadas pelos participantes e também trouxe, aos extensionistas envolvidos, a possibilidade de contribuir para a formação da cidadania, vivenciando o conhecimento adquirido não só através dos livros, mas também do contato social direto com surdos e com professores de surdos. Dessa forma, descobriram-se as possibilidades de transformar estudantes universitários em agentes conscientizadores, atuantes na resolução de problemas sociais, preocupados em garantir o respeito às minorias estigmatizadas. Para a equipe que trabalhou na realização do curso, esta é uma forma de ultrapassar as barreiras que, muitas vezes, se colocam entre a instituição de ensino superior e a sociedade. Com isto, acreditamos ter colaborado, de alguma forma, com a inclusão social de pessoas surdas, na medida em que professores foram assistidos em suas necessidades de informação/formação.

O interesse pelo curso oferecido foi sensivelmente maior do que o previsto, e sabemos que isto se deve pelo fato de haver uma carência de formação de professores para atuar com a diversidade. O projeto previu no máximo 20 alunos para a turma, e esperava uma inscrição em torno disso. Entretanto, o número de inscritos foi de 131, o que deixou a todos surpresos. Além disso, durante o curso a procura somente aumentou e o mesmo despertou o interesse de muitos alunos (de diferentes cursos) e funcionários. A pretensão é de que o projeto possa continuar atendendo paulatinamente a todos que se inscreveram, valorizando, assim, o interesse demonstrado e, contribuindo para que futuros profissionais tenham um olhar diferenciado sobre a pessoa surda e suas necessidades.

Ao concluirmos esta etapa do projeto constatamos que oferecer formação inicial em LIBRAS significa despertar o interesse pela inclusão de surdos, utilizando como instrumento fundamental, sua língua. Acredita-se que um processo de transformação social só é viável quando se respeitam os sujeitos envolvidos e suas necessidades. Portanto, os educadores têm um papel decisivo nesse sentido. Desta forma, foram obtidos até o presente momento, resultados gratificantes e estimulantes que apontam para que a necessidade de que possamos dar continuidade ao projeto, realizando novos cursos de Libras para alunos em formação universitária e profissionais de diferentes áreas. Desse modo, acreditamos que trabalhos de extensão como este, são instrumentos de inclusão social, capaz de fomentar a construção de uma sociedade mais cidadã, portanto, mais justa e, menos segregativa, que acolhe seus filhos, independente das diferenças que eles revelam ou dos limites que parecem possuir.

Referências

BRASIL. **Programa de Capacitação de Recursos humanos do Ensino Fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. Vol III. MEC/ SEESP, 1997, 127p.

BRITO, Lucinda F. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995, p 272.

FERNANDES, Eulália. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1989, 134 p.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus editora, 2002, 172p.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. 192p.

STROBEL, Karin & DIAS, Silvania. M. S. **Surdez: abordagem geral**. Rio de Janeiro, FENEIS, 1995, 86p.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988, 298p.

¹ Professora Assistente do Departamento de Habilitações Pedagógicas do centro de Educação da UFPB. Coordenadora do Projeto “A leitura de um mundo surdo”. Doutoranda pelo programa de Pós - Graduação em Educação da UFPB. Vice – coordenadora do NEDESP (Núcleo de Educação Especial da UFPB).

² Graduada em Psicologia pela UFPB; Especialista em Psicopedagogia pela UFPB; Extensionista colaboradora do Projeto “A leitura de um mundo surdo”, desde 2005.

Contato:

Sandra Alves da Silva Santiago. E-mail: sandraassantiago@hotmail.com

Ana Lúcia de Sousa. E-mail: sousannapsi@hotmail.com